

SEÇÃO DE LIVROS

A Rússia de Malenkov



HARRISON E. SALISBURY

MANIETADOS pela censura, os correspondentes estrangeiros em Moscou não podem transmitir relatos fiéis de tudo que vêem e conseguem saber. Mas agora, Harrison E. Salisbury, observador experimentado que chefiou o escritório da United Press em Moscou, em 1944, e foi durante quase seis anos correspondente do *Times* de Nova York naquela cidade, voltou aos Estados Unidos. Aqui êle refere os fatos sinistros e até agora irrevelados em tôrno da misteriosa morte de Stalin; apresenta retratos esclarecedores das personalidades espantosamente diversas que atualmente governam conjuntamente a U.R.S.S.; descreve a vasta região de trabalho escravo que é a Sibéria, vista pelos olhos de um homem que muito por ali viajou, e define os objetivos da União Soviética nos assuntos internacionais.

Condensado de uma série de artigos do "Times" em que será baseado um livro a ser publicado pela editôra Harper & Co. Copyright, 1954, de The New York Times Co., New York 36, N.Y., E. U. A.

A RÚSSIA DE MALENKOV

A MORTE de José Stalin deu à Rússia um novo govêrno com uma nova norma de ação. Êsse govêrno já conseguiu assinalados êxitos no país e no exterior. Mas não se pense que uma era de doçura e de luz desceu de repente sôbre a Rússia Comunista. Não é verdade. Os objetivos finais, de longo prazo, da União Soviética permanecem inalterados.

No ano passado presenciei, nos confins mais afastados da Rússia, provas dos horrores da vida no maior Estado policial do mundo. A polícia secreta e os campos de trabalho continuam sendo uma mancha na superfície do solo russo e um libelo contra a consciência soviética. Tampouco se pode dizer que as mãos dos novos dirigentes da Rússia estejam limpas de sangue. Mas êles romperam violentamente com os preceitos estéreis e rígidos da era de Stalin.

—Quando se fala com êsses novos homens—diz um diplomata ocidental—êles se mostram tão agradáveis e aparentemente tão francos, que é preciso recordar a cada instante com quem se está falando. É por isso que, de certo modo, êles são mais perigosos do que Stalin.

Não resta dúvida de que a posse das bombas de hidrogênio e de fissão atômica, uma excelente fôrça de aviões a jacto e um conhecimento fundamentado da capacidade dos cientistas e da indústria da Rússia de marchar a par dos Estados Unidos, têm dado aos novos homens de Moscou uma considerável dose de confiança.

Os novos chefes poderão entrar em conflito entre si amanhã, mas as expectativas de uma luta pelo poder entre o Primeiro Ministro Georgi M. Malenkov e Nikita S. Khrushchev, Primeiro Secretário do Comitê Central do Partido Comunista, parece consistir apenas numa perigosa crença baseada no desejo de que assim seja, pois sugere tensões e fraquezas cuja existência não é de modo algum aparente. Não há ditadura de um só homem. Há, em vez disso, govêrno de um grupo ou de uma junta de líderes políticos que contam com o apoio ativo do Exército Vermelho. Nessa junta, o Primeiro Ministro Malenkov é o primeiro, mas apenas “o primeiro entre iguais”.

O *new look* soviético, nas suas fases iniciais, parece ter tido mais

influência sobre as relações da Rússia com a Europa Ocidental do que sobre as relações dos cidadãos soviéticos com os seus novos governantes. Talvez o povo russo esteja mais céptico. É verdade que o povo enche a grande e nova loja de departamentos G.U.M. na Praça Vermelha para comprar as novas caçarolas de alumínio e os novos tecidos de algodão do govêrno. Os camponeses estão ativamente tratando de multiplicar os porcos, vacas e galinhas que possuem. Mas ao lado disso há uma atitude de descrença e até de apatia em face das experiências do govêrno de assegurar maior liberdade. Depois de 25 anos de terror staliniano, muito tempo se passará até que os russos se convençam de que não há perigo em acreditar no que diz o novo govêrno.

Por outro lado, o *new look* já começou internacionalmente a dar resultado. Com razão ou sem ela, a realização das conferências de Berlim e Genebra, os acôrdos na Coréia e na Indo-China e a derrota final da Comunidade Européia de Defesa são fatos que se interpretam na Europa como penachos para o capacete do Ministro do Exterior Molotov e penachos arrancados da cauda eriçada da águia americana.

E o novo govêrno se esforça laboriosamente por criar um ambiente que possibilite outros êxitos. Tôda uma série de abusos e medidas hostis que se destinavam a tornar a vida em Moscou desagradável para os estrangeiros foi abolida. Os contatos diplomáticos tornaram-se corteses e

por vêzes até cordiais. Foram dados os primeiros passos para um mais amplo intercâmbio social entre diplomatas russos e estrangeiros. Cessou virtualmente a prisão arbitrária e o desaparecimento dos criados e empregados russos. Tudo isso nada custou a Moscou e produziu lucros substanciais.

O fato de durante muitos anos a Rússia haver automaticamente negado quase todos os pedidos de vistos em passaportes cai no esquecimento diante da política liberal adotada pelos novos dirigentes em relação aos vistos. E quando, ao mesmo tempo que a Rússia começa a permitir a entrada de alguns grupos representativos de estudantes americanos, os Estados Unidos negam o visto a alguns estudantes soviéticos porque são comunistas, o *Pravda* não precisa clamar contra uma “cortina de ferro” americana. Os inglêses e franceses tiram as suas conclusões sem qualquer insinuação soviética.

Muitas têm sido as explicações apresentadas dos motivos que tiveram os sucessores de Stalin para adotar essas novas normas. Uma coisa é fora de dúvida: Stalin governou a Rússia sozinho. O regime por êle criado foi uma reprodução das suas tendências pessoais—as desconfianças do georgiano, os ódios estreitos do montanhês, os hábitos noturnos do revolucionário, a moral lupina de um ladrão de banco perseguido. A Rússia de Stalin acabou quase mais parecida com Stalin do que com a Rússia.

Mas os novos governantes da Rússia não são pequenos Stalins, embora tenham servido muitos anos ao chefe e ainda que sejam quase da mesma altura—cêrca de 1,63 m—2 1/2 centímetros menos do que o velho Generalíssimo. Constituem um grupo extremamente variado de homens com personalidades marcadas e diferenciadas. E o vigor com que êles têm reduzido a imagem de Stalin ao tamanho natural ou ainda menor sugere que poucas pessoas odiaram Stalin mais profunda e completamente do que os seus auxiliares imediatos.

Ainda Stalin não tinha dez dias de enterrado quando o seu nome desapareceu do *Pravda*. (Antes era freqüente Stalin ser mencionado 125 vêzes e até mais só na primeira página.) Como o Kremlin se tornara sinônimo de Stalin e do seu terror e segredo, o novo govêrno procurou dissociar-se dêle. Os líderes transferiram a residênciã das suas muralhas sombrias e dizem agora que abandonarão também o Kremlin como sede do govêrno, reabrindo os grandes portões de ferro aos turistas e aos transeuntes como nos tempos dos czares. Até a Praça Vermelha foi devolvida ao povo, que Stalin nunca permitiu que por lá passasse livremente.

Paralelamente, o orgulho do gôsto arquitetônico de Stalin pelo estilo pomposo e barroco, o grandioso arranha-céu de 44 andares que êle começara a construir num dos extremos da Praça Vermelha e por inter-

médio do qual colocaria a marca da sua personalidade na histórica praça, foi abandonado e não será concluído.

A falta de sorte de Stalin nas suas tentativas de perpetuar a memória do seu govêrno com um edifício de altura espetacular é duma natureza quase babélica. O seu primeiro esforço em fins da década de 1930 foi construir um “Palácio dos Sovietes”, que seria o edifício mais alto do mundo. Os seus demolidores puseram abaixo a Igreja do Salvador, a mais imponente catedral de Moscou, para dar lugar à nova construção. Mas a Segunda Guerra Mundial estourou quando o esqueleto de aço ainda não passava do terceiro andar. Nunca se completou a obra. O aço foi arrancado e mandado para as fábricas como sucata para fazer tanques, e o grande terreno baldio se apresenta hoje como um impressionante testemunho da vaidade de Stalin. Destino semelhante sofreu agora o seu esforço de após-guerra para dominar a Praça Vermelha com outro gigantesco edifício.

O orgulho industrial de Stalin era a grande Fábrica de Automóveis Stalin, em Moscou, que produzia as enormes limusines Zis nas quais sempre andava o ditador. A linha de montagem que dantes fabricava o carro favorito de Stalin produz agora bicicletas para as multidões, à razão de 1.200 por dia.

No tempo de Stalin, todos os gerentes de fábrica, todos os burocratas velavam metade da noite, cochilando à mesa de trabalho, ante “a possi-

bilidade de algum telefonema do Kremlin". Stalin gostava de trabalhar à noite e era o Harun al-Raxid do telefone, percorrendo o seu império de alto a baixo. A Sibéria era o que esperava o alto funcionário que não atendesse quando o Kremlin telefonasse. Quando o novo govêrno determinou um horário de nove às 18 horas para tôdas as repartições e proibiu o trabalho noturno, todos os burocratas, todos os funcionários do Partido no país reconheceram que a era de Stalin havia realmente terminado.

NÃO É absolutamente impossível que Stalin tenha sido assassinado a 5 de março de 1953 ou nas proximidades dessa data pelo grupo dos seus auxiliares imediatos que agora governam a Rússia.

Conquanto não seja possível provar que tenha havido crime, a verdade é que existia um forte motivo para o crime. Êsse motivo se encerrava nos sinais cada vez mais patentes de que coisa muito parecida com a demência ia dominando Stalin e de que o país estava na iminência de um reinado de terror, diante do qual o de 1930 pareceria insignificante, e que abrangeria um sangrento expurgo dos homens que mais de perto cercavam o ditador.

Stalin tinha 73 anos de idade. Havia muitos anos que sofria de uma afecção cardíaca. Entretanto, até três semanas antes da sua morte, deu sempre a impressão de excelente saúde aos estrangeiros a quem rece-

bia. Se aconteceu Stalin ser vitimado por um derrame cerebral, isso deve ser considerado uma das mais fortuitas ocorrências da história. Salvou as vidas de milhares de russos e, em particular, a vida do pequeno grupo de homens que vivia na intimidade do Kremlin.

O único indício talvez do estado de espírito de Stalin foi observado pelo Embaixador da Índia, K.P.S. Menon, no último dia em que o ditador foi visto por um estrangeiro. Durante a conferência, Stalin ficou fazendo desenhos num bloco de papel, o que era um velho hábito seu. O Sr. Menon notou que êle estava desenhando lóbos—um lóbo atrás do outro. E Stalin aparentemente estava obcecado pelos lóbos porque em dado momento disse que os camponeses russos sabiam lidar com os lóbos—êles os alvejavam e exterminavam. E acrescentou que os lóbos sabiam disso e agiam de acôrdo.

Menon se recorda de haver ficado ligeiramente confuso—não sabia se aquilo era uma referência aos "lóbos" capitalistas da América ou uma crítica indireta à doutrina de não-resistência da Índia. Podia ser, entretanto, um leve indício visível de um espírito que, por trás de uma fachada de aparente brilho e normalidade, estava apenas por demais preocupado com o assunto da "eliminação dos lóbos".

No feriado do dia de 7 de novembro, no ano de 1952, tornou-se evidente que alguma coisa estava fermentando. Quando os retratos dos

líderes do govêrno foram colocados no alto dos mais importantes edifícios do centro de Moscou, observou-se uma alteração significativa. Lavrenti P. Beria, chefe da MVD, ou polícia secreta, que por muito tempo havia ocupado o quarto pôsto abaixo de Stalin, Molotov e Malenkov, baixara para o sexto pôsto. Dois membros militares da mais alta hierarquia haviam passado à sua frente.

O fato de haver Beria descido ao sexto pôsto fêz recordar imediatamente um acontecimento anterior até então inexplicado. Seis meses antes verificara-se um expurgo na satrapia particular de Beria, o partido e o Govêrno da Geórgia. Os homens de confiança que êle ali havia instalado foram destituídos e substituídos por novos elementos.

Outro fato curioso aconteceu. Um jornal de Kiev, capital da Ucrânia, anunciou que um tribunal militar especial havia condenado três homens à morte por fuzilamento e vários outros a muitos anos de prisão sob a acusação de "destruição contra-revolucionária".

Essas acusações extravagantemente redigidas são muito comuns na Rússia. Mas o caso de Kiev era sob certos aspectos único. Os homens executados não eram traidores no sentido comum ou mesmo no sentido lato do têrmo na Rússia. Eram um grupo de diretores na rêde do comércio a varejo e por atacado de Kiev que, ao que parecia, haviam exercido atividades no mercado negro.

Seis semanas depois, foi possível ver com mais clareza o que aquilo significava. Mas na ocasião só se pôde notar que as vítimas eram em sua maioria judeus, membros de organizações comerciais dirigidas pelo membro do Politburo Mikoyan; eram figuras bastante destacadas em organizações do Partido em grande parte ainda dominadas por Khrushchev; finalmente, seu processo fôra retirado das mãos do Chefe de Polícia Beria e entregue a um organismo militar.

Em dezembro, apertou-se mais um pouco o parafuso. O *Pravda* exigia uma nova série de "confissões de culpa" de pessoas de relêvo no Partido, especialmente nos setores da ideologia e da economia. Era evidente que alguém pusera em ação uma arma que devia prejudicar a reputação de muitos colocados nos altos postos do Partido.

Em seguida, verificou-se o fato mais sinistro desde que Stalin abrisse caminho para o poder pelo crime— a notícia, em 13 de janeiro de 1953, da prisão de nove médicos, seis dêles judeus, que eram acusados de haverem conspirado contra a vida de vários membros do govêrno soviético, inclusive vários altos chefes militares. Afirmava-se que êsses médicos tinham ligações, por intermédio de organizações sionistas, com os serviços secretos da Inglaterra e dos Estados Unidos, havendo exercido as suas atividades graças à negligência dos órgãos de segurança soviéticos.

Desde então tudo indicava que

isso deveria ser o tema básico de um plano desesperado e mortífero que, se não fôsse interrompido nas etapas iniciais do seu desenvolvimento pela morte de Stalin, poderia dar origem a uma orgia de sangue mais tremenda do que qualquer das executadas por Ivã o Terrível, 350 anos antes. O que até então acontecera fôra apenas a preparação do palco para o horrível drama. Destinava-se a criar uma atmosfera de incerteza e confusão em que o terror poderia reinar incessantemente.

Havia dois alvos evidentes e imediatos: Beria, como chefe da segurança, e os judeus. O seu gênio criador e diretor só podia ser um homem, o próprio Stalin. Um plano daquela ordem não poderia ser elaborado sem a sua autorização. Uma notícia como aquela não poderia ser dada sem a sua aprovação.

Mas não tardou a tornar-se evidente que não havia a intenção de limitar o foco do expurgo a Beria, que era meio judeu, e aos judeus em geral. Todos os jornais que chegavam das províncias davam conta de novas pessoas acusadas, de novas prisões. E sem demora a mira se voltou dos judeus para as organizações do Partido que haviam permitido tais "escândalos".

O alvo se ampliou. Khrushchev foi implicado porque eram atacados os seus homens no Partido; Mikoyan, por causa das suas organizações comerciais; Malenkov, porque as suas organizações do Partido eram acusadas de cidade em cidade. De todos,

o mais profunda e perigosamente implicado era Molotov, aquêle homem pequeno, frio e pedante que a tanta coisa ja sobrevivera. Na imprensa central começaram a surgir notícias de prisões e confissões de pessoas que trabalhavam no Ministério do Exterior.

De todos os setores do govêrno soviético, o militar parecia o menos atingido. Afinal de contas tinham sido militares as supostas vítimas dos "médicos judeus". Fôra um tribunal militar que dera início a tudo em Kiev. Se se quisesse estabelecer um padrão, poder-se-ia sugerir que os militares haviam sido escolhidos para o papel de "vítimas" da conspiração e, ao mesmo tempo, de "salvadores" do país. Mas surgiu um pensamento trágico. Na década de 1930, a demência chegara ao seu ponto culminante com o expurgo de todos os principais generais do país. Não era provável que qualquer general que tivesse pelo menos uma memória tão longa como os cabelos da sua cabeça raspada se sentisse muito tranqüilo a respeito do seu destino, apenas aquela pavorosa praga começasse a assolar a nação.

O terror foi se intensificando paulatinamente em Moscou. As pessoas começaram a apresentar fisionomias furtivas e abatidas. Até aonde iria aquilo dessa vez? Circulavam boatos. Mme. Molotov havia desaparecido... Haviam-se efetuado prisões na Universidade de Moscou... prisões na Academia de Ciências... prisões no Comitê Central...

Em meados de fevereiro não havia no Politburo um homem que não sentisse na nuca o sôpro ardente do expurgo. Talvez sobrevivesse... mas isso só Stalin sabia.

Mais do que nunca Stalin dominava com mão de ferro o Partido e a sua sucessão, pois dera a entender a todos os homens do Kremlin que poucos sobreviveriam ao expurgo e só aqueles que êle decidisse poupar. Todos os que faziam parte do círculo íntimo estavam ameaçados... exceto Stalin. Molotov... Malenkov... Beria... Voroshilov... Bulganin... Khrushchev... Kaganovich... Mikoyan... Não havia na lista um só nome seguro.

Seria possível que êsses poderosos e hábeis líderes soviéticos, juntamente com os seus colegas do Exército, ficassem de braços cruzados e não tomassem qualquer providência para paralisar êsse envolvente terror que certamente destruiria quase todos antes de extinguir-se?

Possível seria, sem dúvida, pois ninguém conseguira paralisar o terror da década de 1930 antes de haver êle eliminado a maior parte dos líderes proeminentes do Partido Bolchevista. Mas desta vez havia uma diferença. A trama não se dirigia contra os homens com quem Stalin tinha questões indeológicas ou de chefia. Visava aos seus respeitados auxiliares de confiança. Em fevereiro, todo o mundo acreditava em Moscou que se preparavam grandes e sinistros acontecimentos.

Se Stalin teve morte natural em

março de 1953, isso foi a maior sorte que poderiam ter os homens que mais de perto o cercavam.

DURANTE cêrca de 78 horas, em março de 1953, Lavrenti Beria teve a Rússia na concha das suas mãos gordas. O seu poder era supremo. Não havia quem estivesse em condições de fazer-lhe oposição—nem Malenkov, nem Khrushchev, nem Molotov, nem o Exército. Em qualquer momento naquelas horas decisivas, Beria poderia ter-se proclamado ditador, chefe supremo da Rússia, herdeiro de Stalin.

Não fêz isso, porém, e deixando de agir assim marcou o seu destino. A vida que chegou ao seu têrmo na véspera de Natal de 1953, provavelmente nos porões ensangüentados da Prisão Lubyanka, estava desde aquêl momento condenada.

A história daqueles dias de março de 1953, pouco antes e pouco depois da morte de Stalin, nunca foi contada de público. Grande parte do que aconteceu a censura de Moscou suprimiu. Sabe-se, contudo, o bastante para que os fatôres que determinaram o afastamento e a execução de Beria possam ser vistos com uma clareza quase cristalina dentro do que sem isso seria um labirinto florentino de golpes e contra-golpes, de tramas de um lado e do outro.

Eu estava na Repartição Central dos Telégrafos em Moscou às quatro horas da madrugada do dia 6 de março quando chegou a notícia da morte de Stalin. Imediatamente se

**PROVE-OS E
GOSTARÁ!**



* MARCAS
REGISTRADAS

**tão deliciosos!
tão refrescantes!
tão econômicos!**

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

estabeleceu uma censura férrea. Além de não se transmitirem telegramas, um empregado do telégrafo desligou tôdas as pegas da mesa telefônica pela qual se faziam as ligações internacionais. Enquanto as luzes da mesa se acendiam e os correspondentes em altos brados pediam nervosamente ligação para Londres, Paris e Estocolmo, o telefonista permanecia tranqüilamente sentado, com as mãos cruzadas. Alguns minutos depois, um mecânico de olhos sonolentos entrou às pressas, abriu a mesa e desligou o cabo principal.

Só três horas e meia depois as comunicações foram restabelecidas. O mundo recebeu as primeiras notícias da morte de Stalin não dos correspondentes de Moscou, mas de pessoas que em Londres escutaram o rádio soviético.

Entretanto, graças ao hiato imposto pelos censores, estou de posse de um quadro quase completo do que aconteceu em Moscou nas horas que se seguiram imediatamente à divulgação oficial da morte de Stalin. E essa narração é a chave do caso Beria.

Naquela noite eu dera várias vêzes volta ao Kremlin de carro e andara pelo centro de Moscou. Tudo estava em calma na cidade. Havia luzes acesas no Kremlin àquelas horas adiantadas, mas isso não era excepcional.

À uma hora da madrugada mais ou menos algumas limusines foram recolhidas às garagens do Kremlin, dando a impressão de que tinham

A RÚSSIA DE MALENKOV

servido para levar à casa os participantes de alguma conferência noturna. Às três horas, três grandes limusines Zis pararam em frente ao edifício do Soviete da Cidade de Moscou. Foi êsse o primeiro indício de que havia alguma coisa. Poucos minutos depois uma mulher no balcão de distribuição do *Izvestia* disse que os jornais chegariam "muito, muito" atrasados. Referimos êstes detalhes para mostrar como estava tranqüilo o centro de Moscou na noite da morte de Stalin.

Até às cinco horas da manhã a cidade estêve em absoluta calma. Mas logo depois das seis, colunas de caminhões começaram a convergir para o centro da cidade. Em cada um dos caminhões, sentados em silêncio e de braços cruzados nos bancos de madeira longitudinais, iam os soldados de um destacamento dos batalhões especiais da MVD—o ministério de Beria.

Pouco a pouco, pequenos agrupamentos de caminhões se congregaram nos vários cruzamentos e começaram a acumular-se nas enormes praças abertas, tão numerosas no coração de Moscou. Às nove horas havia milhares de soldados na parte central da cidade e grandes filas de caminhões. Haviam surgido também colunas de tanques. Todos os caminhões, todos os tanques, todos os soldados ostentavam a conhecida insígnia vermelha e azul do Ministério dos Negócios Internos. Eram as fôrças de Beria.

Fui até à Praça Vermelha. Ainda era possível o acesso e ali deparei com



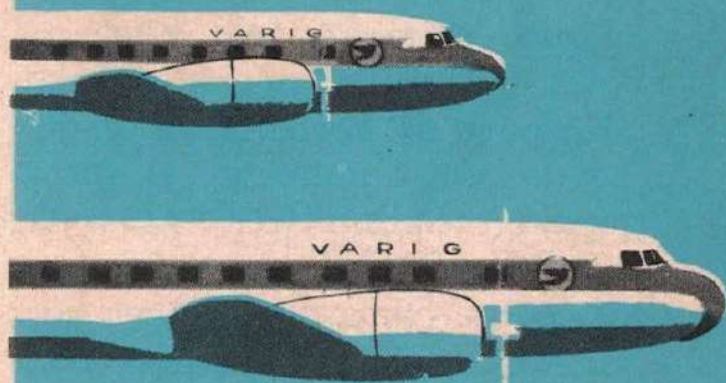
do rio grande do
norte

ao rio grande do
sul



agora com aviões

CONVAIR



VARIG



DE TODOS OS CONVAIR O MAIS VELOZ

um curioso espetáculo. Cêrca de duas mil pessoas estavam reunidas num grupo em forma de charuto em frente ao Portão Spassky, que é a principal entrada do Kremlin. O povo estava calmo e com boa disposição, não tendo sido ainda perturbado pela polícia. Sem dúvida aquela gente esperava—com razão, como se viu depois—que o corpo de Stalin saísse por aquêle portão.

Era extraordinário ver o povo reunido livremente bem no centro da Praça Vermelha. Eu nunca vira aquilo. Enquanto observava, porém, a liberdade de locomoção para a Praça Vermelha e dentro da mesma foi pouco a pouco encerrada por meio de uma gigantesca operação de pinças da MVD.

Primeiro, foram estendidos leves cordões de isolamento nas ruas que davam acesso à Praça. As pessoas podiam sair, mas não entrar. Depois, contingentes cada vez maiores de soldados entraram pelo fundo da Praça Vermelha e começaram a afastar o povo do Portão Spassky. Recuando com a multidão, vi que as tropas pretendiam fazer evacuar não só a Praça Vermelha, mas as praças adjacentes. Durante mais uma hora essa grande operação de pinças continuou e o tráfego tanto de pedestres quanto de veículos cessou por completo no coração da cidade.

Moscou é construída como uma série de anéis progressivamente maiores. O Kremlin é o do centro. A cêrca de um quilômetro e meio de distância, fica o segundo anel, um

bulevar que se estende no local dos antigos muros da cidade. Talvez um quilômetro além, há outro bulevar asfaltado, construído sôbre a base de outras velhas muralhas. Através dêsses círculos, como os raios de uma roda, estendem-se avenidas que dão acesso ao coração da cidade.

A operação militar efetuada vedara com uma faixa de ferro cada um dêsses círculos e raios. Não só havia milhares de soldados postados através de tôdas as ruas, mas milhares de caminhões formavam, com os estribos de uns encostados às rodas de outros e traseiras encostadas a radiadores, impenetráveis barricadas, reforçadas nos pontos-chave por falanges de tanques, em coluna por três.

De cêrca das 11 horas da manhã do dia 6 de março até às quatro horas da tarde de 9 de março ninguém penetrou no centro de Moscou ou de lá saiu sem autorização do comando da MVD, do comando de Beria. Outras tropas só podiam entrar com permissão da MVD ou lutando de rua em rua através das barricadas. Moscou era realmente uma cidade fechada, não só por dentro, mas do lado de fora também.

Mais tarde, naquele mesmo dia, graças ao expediente simples de passar pelas sentinelas com ar resolutivo, voltei à Praça Vermelha. Foi uma estranha sensação. A grande praça estava deserta. Havia soldados de guarda em tôdas as entradas para conservar todo o mundo afastado. Mas no centro, no famoso Mausoléu, havia cabos de fôrça que procediam

do interior do Kremlin e cinzéis e martelos movidos a eletricidade estavam em ação. Quinze ou 20 homens tratavam de inscrever na pedra o nome de Stalin ao lado do de Lênine e de fazer modificações na câmara interna do túmulo.

A obra era dirigida por um coronel da MVD, um coronel de Beria. Aproximei-me e olhei com displicência. Ninguém me deu qualquer atenção. Julgavam sem dúvida que eu tinha direito a estar ali, pois do contrário as sentinelas não me teriam deixado passar.

O silêncio era completo na Praça Vermelha, salvo quanto ao barulho intermitente dos martelos e cinzéis. O sossêgo devia ser perceptível aos homens que estavam dentro dos muros do Kremlin. Então ocorreu-me súbitamente a idéia.

Que tropas eram aquelas que guarneciam a cidade? As da MVD. Havia quaisquer outras tropas na cidade? Não. Podiam quaisquer outras tropas entrar na cidade? Não. Os campos militares mais próximos eram todos da MVD. E a aviação? Perfeitamente inútil. Ainda que reduzisse tôda a cidade a destroços, não poderia atenuar o domínio da MVD sôbre tôdas as posições estratégicas de Moscou.

E o Kremlin? Os homens que nêle se encontravam só estavam ali por que a MVD lhes permitira passarem. Se quisessem sair do Kremlin, teriam de obter licença da MVD, a permissão de Beria.

Não era provável que os homens

do Kremlin deixassem de notar que eram, na realidade, prisioneiros da MVD. Eram homens habituados a pensar em têrmos militares e, especialmente, em têrmos de guerra civil e de luta de rua. A compreensão da situação deve ter sido ainda mais eloqüente para os chefes militares.

Devemos ter em mente que a MVD não era apenas um departamento do govêrno; era um indivíduo, um homem poderoso, impiedoso e de extraordinária capacidade chamado Lavrenti Pavlovich Beria. Utilizando os planos de movimento básico que durante muito tempo tinham sido empregados duas vêzes por ano, no Primeiro de Maio e no dia 7 de novembro, para controlar o tráfego no centro da cidade e ampliando-os depois apenas para controlar tôda a cidade e os seus arredores, Beria havia dominado Moscou com a regularidade de um mecanismo de relógio.

Mas aquilo era suave, completo e bem sucedido demais.

Não pode haver muita dúvida de que o próprio Beria tinha plena consciência do seu poder naquele momento. É provável também que só nas últimas horas de vida de Stalin houvesse êle recuperado tôda a sua autoridade sôbre a MVD. Foi talvez por isso que êle foi tão longe demais num momento em que não estava ainda preparado para lutar pelo domínio completo da Rússia. Talvez não houvesse compreendido completamente a impressão que causaria aos seus colegas.

Seja qual fôr a explicação, o certo é que no dia seguinte, segunda-feira, quando Stalin foi levado em cerimônia oficial para descansar ao lado de Lênine, Beria falou diante do féreto juntamente com Malenkov e Molotov. Havia no discurso de Beria uma ressonância que só poderia provir da consciência que êle tinha do seu poder. Notava-se um pouco de condescendência para com Molotov e Malenkov, talvez mais no tom do que nas palavras. Mais interessante ainda foi êle dar a impressão, sem dizê-lo categòricamente, de que falava tanto em nome do exército como da polícia.

Três meses e meio bastaram para mostrar que a condescendência não era exatamente o que se desejava da parte de Beria e que êle revelara ao exército de maneira demasiadamente clara a fôrça e o perigo da sua posição. Não pode haver sombra de dúvida de que, desde o momento em que Beria fechou o Kremlin e Moscou com as suas tropas, assinou a sua sentença de morte.

Beria não era suficientemente forte para governar. Mas era muito perigoso para qualquer outro governante ou governantes. Na instável coligação do Partido, da polícia e do exército, Beria dispunha de excessivo poder militar absoluto que poderia com demasiada presteza ser aplicado no centro. Tinha qualidades suficientes para fazer parte do triunvirato, mas não para ser ditador.

A única surpresa verdadeira a respeito do fim de Beria foi a rapidez

com que se verificou. O que provou a real fraqueza da sua posição (uma vez afastadas de Moscou as suas tropas) foi os seus colegas poderem desferir o golpe de misericórdia tão prontamente e quase sem agitarem a superfície das águas de Moscou.

QUANDO todos os fatos forem conhecidos—se algum dia isso acontecer—bem pode ser que se fique sabendo que o papel preponderante por ocasião da morte de Stalin e, depois, por ocasião da crise provocada por Beria, foi desempenhado pelo exército, particularmente pelo grupo em torno do Marechal Georgi K. Zhukov.

A primeira fotografia publicada em Moscou depois da morte de Stalin mostrava 12 homens ao lado do féreto de Stalin—seis em trajas civis e seis fardados. Essas fotografias simbólicas são cuidadosamente preparadas para comunicar ao público soviético alguma verdade política. O significado dessa a que aludimos é evidente. Os civis ocupam os lugares mais importantes, mas os militares são mais numerosos do que em qualquer ocasião durante o domínio de Stalin.

Se alguém em Moscou deixasse de perceber a significação da fotografia, poderia ler na notícia da reorganização do govêrno que o Marechal Zhukov, cujo nome havia desaparecido da imprensa soviética desde 1948 e que fôra “exilado” de Moscou para o comando da região de Odessa, emergira das sombras e, de uma vez, recuperara a sua antiga proeminên-

cia. Fôra designado com o Marechal Vasilevsky Ministro Adjunto da Defesa.

Ao que parece, ninguém fora do círculo íntimo do Kremlin sabe como se deu realmente o desfecho do caso Beria, mas o papel dominante do exército foi evidente para todo o mundo em Moscou. Afirma-se que uma coluna de tanques do exército foi vista passando pelo Bulevar da Praça Sadovaya e entrando na direção da cidade na Rua Kachalova, onde, por trás de altos muros ensombrados de árvores, ficava a casa de Beria.

Entretanto, é quase certo que a coluna de tanques foi observada no dia seguinte e não no dia da prisão de Beria. É provável que o mecanismo da prisão do chefe da polícia secreta fôsse um pouco mais simples. Pode ser que dois oficiais do exército se tenham aproximado em silêncio para prendê-lo no momento em que êle entrava na sala de conferências do Kremlin, onde habitualmente se reuniam os membros do govêrno.

Uma confirmação do papel decisivo do exército e, especialmente, da participação do Marechal Zhukov no caso Beria foi fornecida com a recente revelação de que na mesma reunião do Comitê Central em que se denunciou Beria, Zhukov foi elevado de suplente a membro efetivo do Comitê.

Embora o exército nunca houvesse realmente desempenhado papel político independente durante a era de Stalin, passava agora a ser reconheci-

do nessa qualidade e parecia estar participando dos debates tanto sôbre a política externa como sôbre a interna. Quase não há dúvida, por exemplo, de que o exército procurou e conseguiu obter modificações na política externa no sentido de reduzir os avultados compromissos da era de Stalin, e que, em geral, se esforçou por atenuar as possibilidades imediatas de um conflito armado. O exército apoiou entusiásticamente a política do govêrno de melhorar a situação das mercadorias de consumo e diminuir as duras tensões que pesavam sôbre a economia interna da Rússia. O exército, com seus milhões de novos recrutas todos os anos, estava provavelmente em melhor posição para conhecer com exatidão as verdadeiras restrições econômicas e as tendências do povo.

Em novembro, o exército estimulou os chefes civis a prosseguirem na tarefa de fazer Beria ter o destino que o exército julgava que êle merecia. Êsse estímulo teve o caráter de uma advertência pública ministrada de maneira bastante dramática pelo Marechal Zhukov na grande recepção diplomática tradicionalmente oferecida pelo Ministro do Exterior, no dia 7 de novembro. Quase todos os chefes do govêrno estavam presentes quando o Marechal Zhukov foi convidado por Molotov para a mesa de uma sala interna. Os principais embaixadores estrangeiros lá estavam e ali se faziam intermináveis brindes conforme a tradição russa.

O Embaixador dos Estados Uni-

dos, Charles Bohlen, havia proposto um brinde à Justiça. Zhukov foi, então, chamado a falar. Disse êle que desejava apoiar o brinde que acabara de ser feito. Desejava beber novamente "à Justiça". Êsse procedimento era fora do comum. Na Rússia, é costume cada qual fazer o seu brinde e Mikoyan, com certa rudeza, lembrou isso a Zhukov.

Mas Zhukov, obstinadamente e um pouco agastado, repetiu que havia levantado um brinde à Justiça. Correspondeu-se ao brinde.

A significação dessa atitude não escapou a nenhuma das pessoas presentes. Justiça, no sentido em que Zhukov falara, só poderia ser uma decisão no caso de Beria ainda em andamento. Êle estava públicamente, e na presença de diplomatas de muitos países, pedindo que o governo apressasse a sentença judicial para Beria.

Não se sabe por que julgou êle que isso fôsse necessário. Talvez alguém no govêrno estivesse contemporiando. Mas, fôssem quais fôssem os seus motivos, a verdade é que êle obteve resultados. Haviam transcorrido seis semanas quando Beria e um grupo dos seus auxiliares foram executados. A justiça exigida pelo Marechal Zhukov fôra feita por um tribunal presidido por um homem do exército.

Cinco dias depois, os jornais divulgavam uma notícia de dois parágrafos, segundo a qual fôra levantada uma estátua do Marechal Zhukov na sua terra natal.

EM MOSCOU, atualmente, as festividades terminam quando o Primeiro Ministro Malenkov se encaminha para a porta, mas, muitas vezes, Khrushchev, o Secretário do Partido, demora-se um pouco para dizer ainda alguma coisa. Quando o Primeiro Ministro soviético e o Secretário estiveram na Embaixada Britânica, em agôsto passado, para jantar com o ex-Primeiro Ministro Clement R. Attlee, era quase uma e meia da manhã quando afinal Malenkov se levantou. O Ministro do Exterior Molotov se levantou também e começou a fazer as suas despedidas. Mas Khrushchev, empenhado numa discussão com Aneurin Bevan, continuou a falar.

Malenkov chegou à porta. Com um sorriso um pouco cansado, olhou Khrushchev que espetava com o dedo gordo o peito de Bevan para acentuar os seus pontos de vista.

—*Po'yekħali* (vamos)—disse Malenkov pacientemente.

Despedindo-se polidamente dos donos da casa, Malenkov desceu as escadas. Molotov não tardou a segui-lo. Um instante depois, ainda falando, Khrushchev saiu às pressas atrás dêles. Quando chegou à porta, os seus colegas já haviam entrado na limusine Zis que os esperava, com os seus vidros à prova de bala e a sua pesada carroceria de aço à prova de bomba. Khrushchev se reuniu a êles e a nova junta soviética, completa num só carro, se afastou.

Êsse fato é típico da maneira pela qual a junta procede em Moscou e da



Este choro não é manha!

...a causa é pele irritada. Mas, algumas gotas do fino Óleo Johnson evitarão o contato irritante da urina com a pele. Por isso, sempre que trocar as fraldas, proteja a sua pele delicada com uma fina camada de Óleo Johnson.



SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

impressão que causa aos estranhos. "Junta" é o nome pelo qual é cada vez mais chamado o grupo dirigente, composto de Malenkov, Khrushchev e Molotov. Esse triunvirato, com o forte apoio do exército, está governando a Rússia.

Quanto mais essas figuras principais têm entrado em contato com ocidentais mais forte se tem tornado a impressão de que a junta funciona bem em conjunto. Mas, ainda assim, nenhum estrangeiro que conheça Malenkov e Khrushchev, ou que já os tenha visto juntos, tem dúvida em afirmar que Malenkov é superior e que levaria vantagem sobre Khrushchev em qualquer luta entre ambos.

Um experimentado diplomata ocidental, que já passou muitas horas em companhia de ambos, resume assim a sua opinião:

—Ambos são homens hábeis e capazes, mas há uma diferença. Quando Khrushchev inicia uma frase não sabe como vai acabar e não dá muita importância a esse fato. Mas Malenkov não começa uma frase sem saber exatamente o que vai dizer.

Há muitos contrastes entre os dois homens. O Primeiro Ministro é oito anos mais moço do que o Secretário do Partido e tem uma graça e uma simpatia que desmentem a impressão dada pelos retratos de que se trata de um homem gordo e grosseiro.

—Malenkov tem uma personalidade sedutora—disse um inglês que teve oportunidade de ver frequentemente o Primeiro Ministro.—Para

A RÚSSIA DE MALENKOV

dizer a verdade, êle me preocupa mais do que os outros justamente por ser tão agradável.

Nem Malenkov nem Khrushchev sabem inglês. Malenkov sabe um pouco de francês e Khrushchev um pouco de alemão. Mas o russo de Malenkov é perfeito e a sua pronúncia e o seu estilo são o que os russos chamam de cultos.

Em contraste com a suavidade de Malenkov, Khrushchev parece um diamante em bruto. É um antigo mineiro rústico, direto e franco, que proclama coisas que Malenkov com o seu tato nem menciona. Enquanto Malenkov levanta poucos brindes e, na maioria das vezes, com vinho branco, Khrushchev levanta muitos brindes e em todos bebe vodca. Gosta de observar o velho costume russo de beber *do adna* ou "até ver o fundo do copo" e quanto mais bebe mais fala. Conversa agarrando o interlocutor pela gola do paletó e encarando-o de frente com olhos tão sinceros e azuis que um diplomata chegou a dizer que tinha de desviar os seus, pois do contrário "dali a pouco êle me convenceria de que era tão honesto e sincero como parecia".

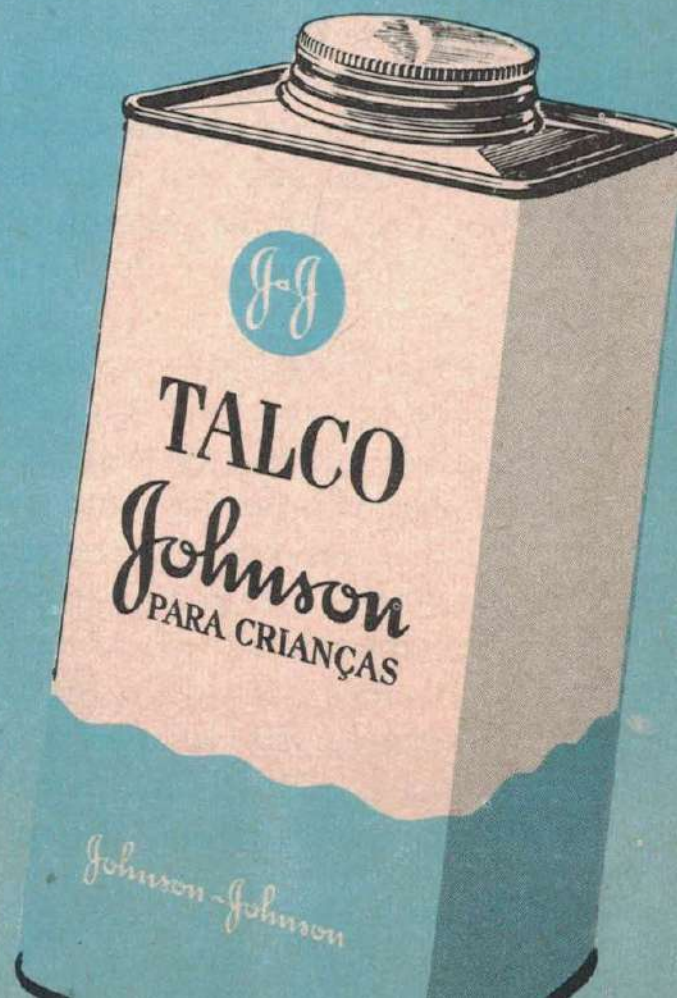
Dos três, Molotov é o mais reservado e de aspecto mais austero. Entretanto, depois da morte de Stalin êle tem abrandado consideravelmente e não resta dúvida de que se tornou um orientador da política externa e não apenas um instrumento para a execução de ordens. É tratado com assinalado respeito pelos seus colegas.



Com o Talco Johnson para proteção contra assaduras e brotoejas, o bebê está contente.



Os mais alegres
bebês usam —



ESTA é a história da vida de três russos—Ivan, Dmitri e Maria—do seu trabalho, dos seus sonhos e receios. A história de cada um deles é tirada da realidade e proporciona o melhor resumo que eu pude obter da vida na União Soviética.

IVAN

Ivan é carpinteiro, tem 39 anos de idade, espôsa, uma filha de nove anos e filhos de sete e cinco. Nasceu numa granja de camponeses a 160 quilômetros de Moscou, cursou quatro anos de escola, recebeu ferimentos um tanto graves na Segunda Guerra Mundial e se casou imediatamente depois da desmobilização, em 1945.

Ivan trabalha na carpintaria numa pequena fábrica situada nos subúrbios de Moscou e mora perto do local de trabalho numa espécie de favela rural. Trata-se de uma casa de madeira de um só andar, com aspecto de barracão do exército, de teto de papel alcatroado, aquecida por estufas de ladrilhos. Oito famílias moram nesse barracão, algumas em um quarto, outras em dois.

Ivan é mais feliz do que os vizinhos, pois, sendo carpinteiro, “tomou emprestada” de sua fábrica madeira suficiente para transformar num quarto a mais a varanda em frente da casa. Isso lhe dá três pequenas peças, das quais a maior tem cerca de dois metros e meio por dois e meio. E bem necessárias são elas, pois a irmã e o cunhado dele foram fazer-lhe uma visita há três anos e ficaram.

O aluguel dêsse alojamento é pequeno. Ivan não tem despesas de telefone nem de água, porque não tem telefone e a água é tirada de um poço vizinho. A privada é no quintal.

Se Ivan tem poucas despesas de aluguel, isso é mais do que compensado com as despesas de alimentação. Por isso mesmo, uma das vantagens da sua residência suburbana é um bom pedaço de terra onde a mulher de Ivan planta batatas que dão para a família comer o ano todo. Também cria galinhas e vende os ovos que sobram. Se Ivan comprasse ovos teria de trabalhar quatro ou seis horas para comprar dez.

Quase sempre, quando chega a primavera, a mulher de Ivan compra um leitão por 150 rublos. Isso representa uma semana de trabalho para Ivan. Mas depois de passar na engorda todo o verão, o animal é abatido em novembro e fornece carne e toucinho que custariam no mercado local de 1.000 a 1.200 rublos, isto é, seis a oito semanas de trabalho.

A família não come muita carne durante o resto do ano, à exceção de uma galinha velha de vez em quando. A base da alimentação são as batatas, juntamente com pão prêto. A família também come muito *borscht*, uma sopa grossa de repólho, beterraba e batata.

Ivan tem duas mudas de roupa. Uma é um conjunto velho, sujo e muito remendado de roupas de trabalho. A outra é o seu melhor terno e é de sarja azul. Comprou-o de segunda mão numa loja de “comissão”

do govêrno, que vende as roupas excedentes dos cidadãos mediante uma comissão de 20%. Êsse terno custou-lhe duas semanas e meia de trabalho. Um terno de casimira de boa qualidade custa mais ou menos três meses de trabalho.

Ivan e sua família viveriam bem e com simplicidade se êle não bebesse. Ivan recebe o salário duas vêzes por mês e não é raro gastar até 100 rublos em bebida antes que um amigo o leve para casa. O vodca lhe custa cêrca de 20 rublos o meio litro. Quando êle e quatro ou cinco amigos começam a beber, consomem vodca em grande quantidade até ficarem completamente bêbedos.

Nos dias santos, no Primeiro de Maio, no Ano Novo e no dia 7 de novembro, Ivan e os seus companheiros ficam bêbedos durante três ou quatro dias. A mulher de Ivan abana a cabeça quando o vê bêbedo e depois dá de ombros.

—Os homens são assim mesmo— diz ela.—A vida dêles é dura.

Ivan não sabe ler que chegue para tentar decifrar o *Pravda*. De vez em quando, o agitador do Partido na fábrica aparece na carpintaria e lê algum artigo, explicando depois em que consiste a importância do mesmo. Ivan se conserva sentado em silêncio, mas não presta a menor atenção. Ê apenas uma questão de ter paciência até o homem chegar ao fim da sua conversa.

Ivan e seus amigos acham a vida um pouco melhor depois da morte de Stalin. Um dos seus amigos, quan-

do bebe, faz até algumas pilhérias grosseiras e indecentes a respeito do "Velho". Ivan não acha isso muito direito.

Mas é verdade que depois de Beria ser prêso, êle e os seus amigos se embriagaram e atacaram o polícia local na esquina. Naquela noite, a briga foi de verdade. Ê claro que chegou mais gente da polícia e todos acabaram indo dormir na delegacia, onde tiveram de pagar 50 rublos de multa.

Ivan sabe que a União Soviética e os Estados Unidos não se entendem bem e, vagamente, tem um pouco de receio de que haja guerra. Acha que isso poderia ser muito ruim porque tem um amigo na fábrica que estêve na Alemanha durante a guerra e ficou sabendo alguma coisa a respeito dos americanos.

—São os homens maiores que já se viram!—diz êsse amigo.—Ê que máquinas! Diante delas as nossas pobres máquinas russas parecem brinquedos.

Ivan não acredita muito nesse homem, que provàvelmente está fazendo pilhéria, mas quem sabe lá?

DMITRI

Dmitri tinha 18 anos quando estourou a Segunda Guerra Mundial. Serviu no corpo de tanques ate 1944 quando foi ferido. Em 1946 tornou a matricular-se no instituto de linguagem especializada, onde estava estudando antes da guerra e completou o curso, diplomando-se em alemão. Casou-se com uma môça que estudava francês.

Desde que saiu do instituto, em 1948, Dmitri tem trabalhado para uma das grandes casas editôras em língua estrangeira de Moscou. Recebe um ordenado mensal redondo de 1.500 rublos—cêrca de 150 dólares—além de extraordinários pela tradução de várias obras, o que eleva o seu salário, em média, a uns 3.000 rublos por mês.

Sua espôsa trabalhou algum tempo, mas o casal tem agora dois filhos e ela se tornou dona de casa. Moram num quarto de bom tamanho—cêrca de quatro metros por seis—num velho edifício no bairro Arbat. O quarto faz parte de um antigo apartamento de sete peças. Agora, cada um dêsses aposentos abriga uma família diferente. Utilizam todos a mesma cozinha, que é fonte de constantes aborrecimentos e questões entre os moradores.

Dmitri paga cêrca de 3% do seu salário em contribuições para os sindicatos, descontos de seguro social e assim por diante. Em troca, recebe talões com os preços reduzidos para as colônias de férias. Há um desconto de 5% do salário de Dmitri para os bônus de economias do govêrno. Antes o desconto era de 10%, mas depois da morte de Stalin o govêrno cortou o desconto pela metade. A alimentação e o vestuário são as parcelas maiores do orçamento. Dmitri e a mulher gastam em comida cêrca de um têrço do ordenado.

A mulher de Dmitri manda fazer quase todos os seus vestidos numa pequena oficina de costura. Compra

as fazendas nas lojas do Estado e escolhe os figurinos num jornal de modas soviético. Certa vez a loja conseguiu um velho número de *Vogue*, de cêrca de dois anos atrás. A revista foi examinada e re-examinada até ficar literalmente em pedaços. Os vestidos da mulher de Dmitri, incluindo fazenda e mão de obra, custam 700 ou 800 rublos e às vêzes mais.

Dmitri e a mulher interessam-se muito pelas questões da atualidade. Quando estavam no instituto eram ambos membros da organização da Juventude Comunista. Não entraram para o Partido e não têm vontade de entrar. Isso acarretaria muito trabalho e muita responsabilidade e êles preferem dirigir sua própria vida.

Dmitri lê a *Gazeta Literária* e acompanha de perto as controvérsias literárias do Partido porque é um “intelectual” e tem orgulho da sua condição. Tem esperança de poder um dia ir à Alemanha para ver o país a respeito do qual tanto tem estudado e lido.

Dmitri e seus amigos não discutem muito sôbre política internacional. Não compreendem por que há quem queira opor-se à União Soviética. Julgam o govêrno tão certo em tôdas as questões internacionais que têm dificuldades em imaginar que outros possam ter pontos de vista diferentes.

MARIA

Maria é uma mulher de 60 anos que muito tem visto e muito tem sofrido como tôdas as mulheres da

sua geração na União Soviética. Sua família era gente de recursos antes da Revolução. Ela mesma era uma jovem recém-casada em Petrogrado quando ocorreu a revolta de 1917. O marido era engenheiro e ambos se entusiasmaram com a queda do Czar.

—Agora a Rússia vai começar a viver—lembra ela de ter ouvido o marido dizer com os olhos cintilantes.

Mas o marido morreu há muitos anos. A polícia o prendeu uma noite de 1937, durante os expurgos, e ela nunca mais o viu. Mas às vezes ela não pode deixar de sonhar um pouco. Talvez . . . quem sabe? . . . êle houvesse escapado de uma maneira ou de outra.

Mas logo extingue êsse sonho. As recordações que êle lhe traz são muito cruéis. Começa então a pensar no filho e as recordações também são cruéis. Tinha êle 17 anos em 1941 e foi para o exército no ano seguinte. Estava ainda vivo em 1943 e fêz até uma visita a casa. Mas em 1944 foi morto perto de Lvov.

Desde então Maria não viveu mais a bem dizer. É verdade que ela vai todos os dias para a grande fábrica de Moscou onde trabalha como enfermeira. Vive num quarto razoavelmente grande e mais ou menos agradável num velho edifício quase no centro de Moscou. Maria tem poucas despesas. Não gasta quase nada com roupas de ano para ano. Não lê um só jornal. Nisto ela é como muitos e muitos russos. Há muito

tempo perdeu todo o interêsse pelos acontecimentos públicos. A única coisa que ainda de vez em quando consegue emocioná-la é alguma palavra ou boato de que poderá vir outra guerra. Maria sabe muito bem o que fará se a guerra vier novamente. Ela se suicidará no primeiro dia, como fizeram algumas das suas amigas em 1941.

O novo govêrno e a morte de Stalin a animam um pouco, mas a verdade é que ela tem mêdo de ter esperança e, além disso, como ela e algumas de suas amigas dizem, é muito tarde para a esperança. Já não resta por quem esperar.

CONQUANTO o novo Governo Soviético tenha iniciado uma campanha de baixa tensão contra a Igreja Ortodoxa Russa, parece ser firmemente contrário à intermitente política anti-semita do regime de Stalin.

Nos últimos 15 anos houve três fortes ofensivas anti-semitas, tôdas elas inspiradas e instigadas pelo govêrno. Essas campanhas deliberadas contra os judeus, juntamente com os horríveis extermínios que foram executados pelos alemães em território russo durante a Segunda Guerra Mundial, suprimiram virtualmente a vida social e cultural dos judeus na União Soviética.

Existem sinagogas apenas em algumas das maiores cidades. Em Moscou, que tem uma população de várias centenas de milhares de judeus, só existe uma pequena sinagoga. O mesmo se verifica no antigo

MILAGRE
PARA SEUS LÁBIOS!

Color-fast
de MAX Factor



novo baton
indelével —
o único que
realmente
amacia os
lábios e os
mantém
intactos!



Piper Laurie, estrela da Universal International

O baton COLOR-FAST conserva seus lábios sempre recém-pintados, macios e vibrantes, sem nunca ressecá-los, porque contém 4 vezes mais lanolina que qualquer outro baton "indelével"!

nas 7 cores da moda:
Rosalinda - Rosa Festa
Rosalegre - Coralina
Cyclamen - Carmin Vivo
Chama de Ouro



Grande (50,00)
Médio (30,00)
Sobressalente
Grande (30,00)

Prove hoje mesmo
o novo
baton

Color-fast

DORIA ASS.

de MAX Factor
HOLLYWOOD

PROCURE NOS MAGAZINES, FARMÁCIAS E PERFUMARIAS

centro judeu de Minsk e em Odessa, onde residem ainda muitos judeus, embora houvessem sido deportados em massa para o Oriente durante a campanha anti-semita de 1948 a 1949.

A política de benevolência do atual govêrno para com os judeus chega quase tarde demais. Pouco resta ainda para salvar. Os judeus foram tão largamente dispersos e tão duramente perseguidos, simplesmente pelo fato de serem judeus, que qualquer pronto renascimento dos costumes ou da religião parece pouco provável ou mesmo possível.

A campanha que o govêrno empreende contra a Igreja Ortodoxa é coisa inteiramente diversa. O fato de haver sido iniciada nesta época é um interessante barômetro do real e crescente prestígio que a Igreja tem entre o povo.

A verdade é que, desde que Stalin entrou em entendimento com a Igreja como medida necessária no tempo da guerra, a Igreja vem recuperando vertiginosamente a sua fôrça. Centenas, talvez milhares de igrejas ortodoxas foram reabertas; dezenas de milhares de crentes as freqüentam; as contribuições anuais sobem a milhões de rublos e a Igreja se tornou uma influência poderosa e sólida.

As queixas do govêrno no sentido de que há comunistas que vão à igreja e de que membros da Juventude Comunista se casam na igreja e batizam os filhos são inteiramente verdadeiras. É de bom tom fazer

A RÚSSIA DE MALENKOV

isso. A campanha de propaganda do governo contra as atividades religiosas não parece ter surtido o menor efeito. As igrejas vivem tão cheias como sempre e o número de moços que comparecem às cerimônias do culto continua a crescer.

Não parece de modo algum que haja coação por trás da atual campanha. O *Izvestia*, jornal do governo, ao lado de ataques à superstição religiosa, publica notícias eclesiásticas—excursões de importantes dignitários da Igreja no país ou no exterior, entrevistas com os mesmos, etc. É, pois, perfeitamente evidente para todos os russos que não há perigo em ir à igreja.

Em vista da capacidade demonstrada pela Igreja Ortodoxa de sobreviver aos ataques e tormentos dos tempos realmente difíceis da revolução, não parece provável que a atual campanha de palavras e admoestações morais possa impedir materialmente o seu contínuo crescimento.

A MENOS de um quilômetro dos arredores de Yakutsk, na Sibéria, numa estrada lamacenta que leva ao rio Lena, há uma construção oblonga feita de troncos, de dois andares e meio de altura. Nas paredes lisas não há janelas e tem-se a impressão de que se trata de um pôsto militar avançado, de um depósito de mercadorias ou, talvez, de um local para armazenamento de gelo.

O prédio não é nada disso. Trata-se, na realidade, de uma das mais

Gosta de azeite de oliva?

Pois agora há um óleo para salada com aquê sabor tradicional!



Saborosíssima combinação de azeite importado e óleo de amendoim refinado:

EXPERIMENTE

PRIMA-DONA

NA MESA... NADA IGUAL!



UM PRODUTO Swift



Casimiras

SANTISTA

**para o homem elegante,
a famosa casimira SANTISTA,
acabada pelo legítimo
processo inglês!**



TRADIÇÃO - PRESTÍGIO - QUALIDADE

famosas prisões da União Soviética, um local de reclusão para presos políticos considerados particularmente perigosos. Uma visão de relance da mesma foi uma das coisas mais terríveis e apavorantes que encontrei numa longa excursão pelo norte e pelo leste da Sibéria Soviética.

Se se fizesse um mapa da MVD-lândia a capital seria em Khabarovsk, sombria e cinzenta cidade à margem do rio Amur, num fuso horário adiante seis horas de Moscou e dela separada por quase 48 horas de avião. Khabarovsk é o centro administrativo do grande império-dentro-de-um-império da Rússia, o estado escravo do trabalho forçado e de trabalhadores de residência obrigatória, que se estende 4.300 quilômetros a oeste até Novosibirsk, uns 3.200 quilômetros do Oceano Ártico para o sul até à fronteira da Mandchúria e 1.000 quilômetros para leste até às ilhas Sacalinas.

Grandes áreas da Ásia Central se encontram também sob a jurisdição de Khabarovsk—a bacia carbonífera e os estabelecimentos siderúrgicos de Karaganda, em franco desenvolvimento, as minas de cobre de Balkhash, as usinas de potassa do Uzbekistan e as minas de urânio do Tadjikstan. É um super-estado, que se sôbrepõe à estrutura civil comum com tentáculos como os de um polvo, enrolando-se sôbre si mesmo e empolgando nas garras metade da Rússia.

Não se deve generalizar a respeito das condições numa área tão vasta.

A RÚSSIA DE MALENKOV

É preciso lembrar também que as impressões de um viajante são extremamente subjetivas. Por exemplo, os dois últimos americanos que viram Yakutsk antes de mim foram o falecido Wendell Willkie e Henry Wallace. Ambos tiveram impressão favorável. Eu tive uma impressão positivamente desfavorável.

A excursão do Sr. Wallace à Sibéria em 1944 foi das mais excepcionais que já se verificaram. Ele viu lugares que nenhum estrangeiro havia visto e que poucos tornarão a ver. Foi escoltado de lugar em lugar pelo velho General Sergei Goglidze, cuja gentileza e humanidade o Sr. Wallace elogiou.

Mas o que o Sr. Wallace não percebeu senão vários anos depois foi que o bom e velho Sergei Goglidze era o chefe da MVD em toda aquela enorme área. Era o maior capataz de polícia do mundo. O Sr. Wallace viajou no vagão particular do General Goglidze e comeu todos os dias à sua mesa. E nunca soube quem era o homem que o obsequiava.

Goglidze já não existe. Morreu juntamente com o seu chefe Lavrenti Beria. Houve depois daquele tempo uma grande mudança de pessoas. Materialmente, porém, tudo continua na mesma.

Há uma atmosfera especial nessa cinzenta terra penal onde a MVD é soberana. Não se trata de coisa subjetiva nem é preciso ser estrangeiro para senti-la.

O fato é que quando se chega ao norte e ao oriente da Sibéria nada há



EU SÓ
ACREDITO
EM FATOS...
POR ISSO
PREFIRO

Lençóis
SANTISTA



Fatos não se discutem. Observei os tecidos, tamanhos e preços e concluí: só comprando LENÇÓIS SANTISTA.

PRATA: Solteiro: 1,60 x 2,60 - Cr\$ 109,00
Casal: 2,20 x 2,60 - Cr\$ 150,00
OURO: Solteiro: 1,60 x 2,60 - Cr\$ 124,00
Casal: 2,20 x 2,60 - Cr\$ 172,00

Ao comprar insista: eu quero *Lençóis* **SANTISTA**

A MARCA DE GARANTIA ESTÁ NA OURELA
E A QUALIDADE EM TODO O LENÇOL

de muito secreto nem de muito oculto a respeito de prisões, campos de trabalho, trabalho forçado, residência obrigatória, colonização compulsória e todo o resto do sinistro e horrível mecanismo da MVD. Os presos e a máquina policial fazem de tal modo parte da vida cotidiana nessas regiões que os residentes locais não parecem ter o menor embaraço a respeito de tais fenômenos.

Na realidade, há pouca diferença entre a vida de trabalho penal e a vida de trabalho "livre" no norte e no oriente. Todo o trabalho é ali realizado em condições miseráveis. Tôda a vida naquelas regiões é incrivelmente dura e sombria. A diferença entre as condições de vida e de trabalho para o trabalhador escravo e o trabalhador que ali reside livremente é mínima, comparada à diferença entre a vida em Yakutsk, digamos, e a vida em Moscou.

Tem-se feito tão sinistra publicidade dos campos de trabalho forçado, que se tem dado pouca atenção a um fenômeno muito mais comum e igualmente reprovável. É o sistema dos "spetz".

Um "spetz" é uma pessoa em cujo passaporte foi carimbada essa palavra. Significa que se trata de uma pessoa que vive em "condições especiais de residência", em outras palavras, residência limitada a uma cidade ou região especial. Encontram-se "spetz" quase em tôda a parte da Rússia, mas principalmente na Ásia Central, na Sibéria, no Extremo Norte e no Extremo Oriente. Essas

pessoas têm inteira liberdade de trabalhar da maneira que lhes fôr possível em determinada área e de viver onde encontrarem alojamento ali. Mas só poderão sair da cidade com autorização da MVD. Os "spetz" são os milhões de cidadãos da União Soviética que, por isso ou por aquilo, se enredaram com as autoridades soviéticas e foram mandados para algum lugar distante e em geral desagradável.

Percorrendo milhares de quilômetros na Ásia Central e na Sibéria, encontrei tôdas as espécies e variedades de "spetz", palavra de sentido específico que eu nunca ouvira em Moscou. Tribos inteiras do Cáucaso foram arrancadas da sua terra e mandadas para leste, acusadas de terem colaborado com os nazistas e de ajudarem o Exército Alemão a chegar quase aos campos petrolíferos de Baku. Diga-se de passagem que houve realmente um colapso nessa frente. Há muitos ucranianos nas cidades do deserto de Uzbek, alguns dêles ali fixados à fôrça desde o tempo do programa de coletivização há quase 25 anos. Numerosos tártaros foram tirados à fôrça da Criméia onde durante séculos se haviam comprazido em sentar-se ao sol e beber vinho. Não foram mandados para a Ásia Central, de terra e clima semelhantes e de onde, realmente, muitos dêles eram originários. Foram mandados, em vez disso, para o norte e leste, para lugares como Birobijan, onde é comum no inverno uma temperatura de 40 graus abaixo de zero.

Outra fonte de ótima mão-de-obra têm sido os países bálticos. Ser estoniano, lituano ou letão tem sido quase sempre o suficiente para assegurar a deportação para o Oriente, principalmente nos anos imediatos à guerra, quando o govêrno estava tentando forçar o estabelecimento das granjas coletivas e socializar as eficientes indústrias bálticas.

Ninguém é mandado para onde a vida lhe seja agradável ou fácil, mas para zonas onde haja falta de gente, para regiões onde é difícil ou impossível atrair colonos voluntários em face da dureza das condições de vida.

Nem todos os "spetz" são provenientes de uma região geográfica definida. Poucas pessoas mandadas para um campo de trabalho forçado podem recuperar a sua plena liberdade depois de cumprida a sentença. Em quase todos os casos são forçadas a viver como "spetz" por um período que varia de um ano ao resto da vida. Algumas têm liberdade de locomoção assegurada desde que se mantenham a 100 quilômetros de distância de Moscou. Essa determinação vem causando o desenvolvimento de várias grandes "cidades a 100 quilômetros" em tôrno da capital, nas quais os "spetz" vivem e são visitados pelos seus parentes de Moscou.

Enquanto fôr mantido em sua inteireza o famoso sistema penitenciário; enquanto a MVD dominar a Sibéria e o Extremo Norte; enquanto êsses carcereiros industriais precisarem de braços para as suas minas, usinas e fazendas, terá o govêrno in-

centivo e interêsse em descobrir novos motivos que lhe permitam retirar grandes massas de zonas bem povoadas e mandá-las para as regiões inóspitas do Oriente.

COMO NOS Estados Unidos, os segredos mais bem guardados na União Soviética são os que se referem à energia nuclear. Mas, ao passo que o local das grandes usinas de fissão e fusão nuclear dos Estados Unidos são públicamente conhecidos e proclamados, na Rússia dá-se exatamente o contrário. Nada se revelou a respeito dos lugares onde a Rússia fabrica as suas bombas nucleares, onde as experimenta e onde os seus destacados físicos atômicos têm os seus laboratórios.

Durante quase seis anos de residência em Moscou não deparei com nenhum dos "segredos" da bomba nuclear dos soviéticos. Cheguei, entretanto, a certas conclusões, aplicando o bom senso e alguns raros fatos conhecidos.

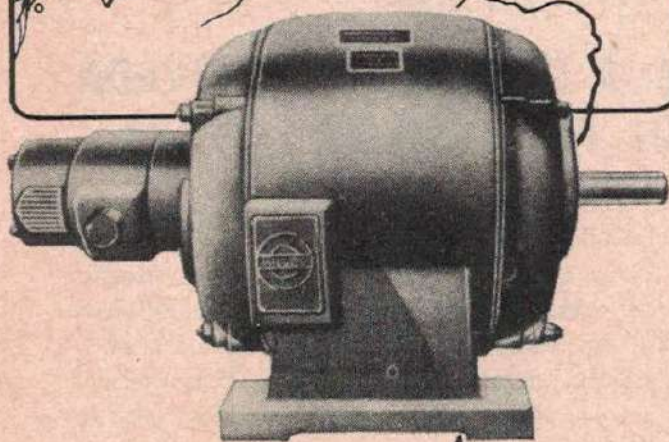
É quase certo que a União Soviética está construindo uma grande usina nuclear, provavelmente para a produção de bombas de hidrogênio, nos remotos confins siberianos do rio Angara, mais ou menos nas vizinhanças da cidade de Irkutsk.

Parece ao menos provável que a Rússia tenha uma grande usina de bombas atômicas em algum ponto da região de Novosibirsk, no rio Ob, na Sibéria Ocidental, e que esteja construindo ali por perto instalações novas e bem maiores.

**Dínamos e
alternadores
até 1.000 KVA**

MILTON

**DÃO MAIS FÔRÇA
À PRODUÇÃO
DO BRASIL**



Nova lista
de preços

Condições especiais
para revendedores

**Em estoque
Pronta entrega**

Catálogo grátis

MILTON & VARADY

Rua Camé, 221 - Tel: 9-5695
End. Tel. "Wadyra" - São Paulo

Norton - 9.504

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

A construção de uma usina nuclear no rio Angara é uma dedução lógica desde agosto de 1952, quando o Governo Soviético anunciou grandiosos planos de aproveitamento do potencial hidrelétrico do lago Baikal. Trata-se de um dos maiores centros de força hidráulica do mundo, mas fica a milhares de quilômetros de qualquer centro industrial. Do ponto de vista da segurança, é um local quase perfeito, no coração do continente eurasiático e quase o ponto mais afastado para os bombardeiros intercontinentais.

A Rússia não tem uma organização especial de defesa civil. Entretanto, o governo, sem alarde e sem dar notícia dos seus objetivos, completou o que é sem dúvida o maior e mais seguro abrigo antiaéreo do mundo sob o pretexto de construir um acréscimo à rede de trens subterrâneos de Moscou. Na realidade, a obra não visa a fins de transporte, pois se limita a correr paralelamente às linhas já existentes. Mas estende-se em grande profundidade sob todo o centro da cidade. É possível que, juntamente com a utilização dos ramos existentes do trem subterrâneo, uma grande percentagem dos seis milhões de moscovitas possa encontrar abrigo subterrâneo em caso de ataque.

A POLÍTICA externa da União Soviética, do mesmo modo que a dos Estados Unidos, tem de voltar-se tanto para o Oriente como para o Ocidente. O núcleo da política

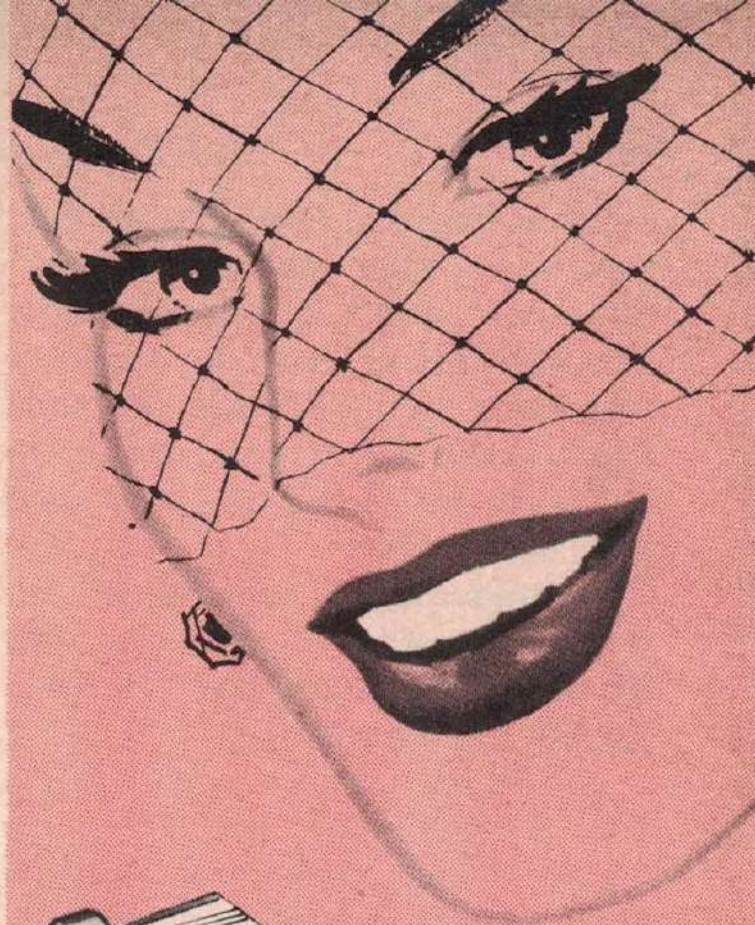
A RÚSSIA DE MALENKOV

soviética na região do Pacífico, onde as tensões com os Estados Unidos são muito maiores do que na Europa, é a aliança russo-chinesa de acôrdo com a qual uma potência é obrigada a ir em auxílio da outra na hipótese de guerra no Pacífico.

Recentemente tem havido indicações de que as coisas não vão assim tão bem. Há pequenos mas persistentes indícios de tensão. Nada há que pareça encerrar dificuldades graves no futuro imediato, mas notam-se prenúncios que poderão ter depois grande significação.

Por exemplo, quando Molotov ofereceu uma recepção ao Ministro do Exterior da China, Chou En-lai, depois do encerramento da Conferência de Genebra, Chou se permitiu observações muito ferinas. Não procedeu certamente como homem que se sentisse de qualquer modo subserviente diante dos russos que o hospedavam. A ocasião era pública e havia diplomatas estrangeiros sentados à mesa e correspondentes estrangeiros de ouvido à escuta na porta aberta da sala de jantar. Chou pronunciou em inglês as suas frases mais aceradas e disse que não tinha desculpas a oferecer por isso, já que poucos russos se haviam dado ao trabalho de aprender chinês.

Dirigindo-se a Mikoyan, Ministro do Comércio Interno, Chou disse que, em vista das muitas transações que fizera com os chineses, já era tempo de Mikoyan aprender a língua deles. Êle, Chou, já aprendera muito do russo. Para prová-lo, pronunciou



limpam
melhor
e duram...
duram...
duram...



ESCÔVAS

Tek

Johnson & Johnson

algumas frases em russo. Em seguida, voltando a falar inglês, Chou perguntou a Mikoyan que pretendia êle fazer a êsse respeito. Mikoyan respondeu que o chinês era uma língua difícil. Chou replicou que não podia ser mais difícil do que o russo para um chinês.

Kaganovich, o especialista em indústria pesada, tentou correr em socorro do seu colega, mas Chou não tomou conhecimento.

—Não há desculpa para vocês— disse com irritação.

Para os que ouviam essa troca de palavras parecia haver pouca dúvida de que a mesma refletia o aborrecimento dos chineses em face da parcimônia e da tendência a regatear demonstradas pela Rússia nas negociações econômicas e comerciais entre os dois países.

Uma indicação possível da temperatura reinante nas relações soviético-chinesas são as freqüentes ausências de Moscou do embaixador chinês, as quais se prolongam por meses. Tratando-se de potências que atribuem grande importância ao protocolo, isso é quase um sinal certo de frieza.

A Rússia parece já estar adotando uma tradicional política diplomática de resseguro no que se refere a Pequim. Ao mesmo tempo que a China Vermelha se destacava na cena diplomática do mundo, a Rússia começou a tomar uma série de providências para melhorar as relações soviéticas com a Índia. Os diplomatas interpretam essa iniciativa soviética como uma indicação, entre outras coisas,

de que Moscou quer munir-se de uma alavanca nas suas relações com a China Vermelha. Se a China mostrar sinais de crescente indocilidade ou independência, a Rússia poderá reforçar os seus laços com a Índia.

A União Soviética também está empenhada em melhorar a sua posição na Europa, principalmente às custas dos Estados Unidos. O trunfo principal da Rússia com os ingleses tem sido o comércio—comércio com a Rússia e com a China. Os ingleses, com todos os seus séculos de independência comercial e diplomática, sentem profundamente (embora se esforcem o mais possível para dissimular o seu ressentimento) a sua atual situação de dependência diante dos Estados Unidos.

Vêm na Rússia um meio possível de sair dessa dependência. Conquanto seja inconcebível que a Inglaterra troque a sua associação com os Estados Unidos pelas relações com Moscou, o processo de alienação das afeições inglesas está muito mais avançado do que em geral se percebe nos Estados Unidos.

Uma medida dessa alienação é o fato de que agora em certos círculos diplomáticos ingleses e ocidentais é muito mais fácil ouvir observações anti-americanas do que anti-russas. Moscou está explorando êsse trunfo com habilidade. Acenam-se com grandes encomendas para os industriais britânicos. As encomendas que são realmente feitas bastam para manter o interesse vivo, ao mesmo tempo que negociadores soviéticos

fazem, constantemente, pressão para a inclusão de mercadorias embargadas em virtude das restrições comerciais de inspiração americana.

Moscou corteja os franceses com um acôrdo mediante o qual estudantes russos freqüentarão a Sorbonne e estudantes franceses freqüentarão a Universidade de Moscú; com uma linha aérea conjunta da Air France e da Aeroflot soviética entre Moscú e Paris; com uma exposição em Paris de quadros de Picasso de propriedade soviética; com a libertação de um padre francês que passou dez anos num campo de trabalho; com vistos nos passaportes de meia dúzia de velhas governantes francesas, sobreviventes da época pré-revolucionária, para que voltem a Paris; com a permissão a um famoso fotógrafo francês para percorrer à vontade a União Soviética tirando fotografias.

Quase todos os dias há algum pequeno favor, que não custa muito e impressiona bem. Êle é acompanhado de um pouco de conversa delicada em favor da Europa para os europeus e contra a constante intervenção americana nos negócios europeus—procedimento que tem ainda maior eficiência porque reproduz o que muitos europeus andam dizendo sem sugestão russa.

Parece haver, entretanto, um grande obstáculo a uma política soviética eficaz na Europa. É o fato de que Moscú não parece mais capaz do que o Ocidente de encontrar uma solução realmente viável para o problema alemão.

Nenhum diplomata em Moscú acredita, depois da supressão dos motins na Alemanha Oriental a 17 de junho de 1953, que a Rússia algum dia abra mão voluntariamente daqueles territórios. Os acontecimentos de 17 de junho provaram que a Rússia só se poderia manter na Alemanha pela fôrça.

Mas a falta de qualquer legítima solução soviética para a Alemanha não perturba necessariamente os russos nas suas relações com a França, pois muitos franceses pensam que uma Alemanha dividida é uma Alemanha fraca e, portanto, uma ameaça menor para a França.

Por trás de tudo isto, como uma espécie de objetivo a longo prazo além do horizonte, os novos dirigentes da Rússia parecem ter a esperança de que mais cedo ou mais tarde seja possível chegar a algum meio de vida em comum com os Estados Unidos. Há pouca dúvida de que os novos dirigentes da Rússia acreditem que só há no mundo atualmente duas potências de primeira ordem e que, em condições favoráveis, poderiam elas assegurar-se mutuamente paz e prosperidade, concordando em respeitar os interesses uma da outra, ao menos durante algum tempo.

A idéia tem realmente alguns pontos de interesse. Mas acontece que só os dirigentes da Rússia sabem a rapidez com que os minutos se vão escoando no relógio pelo qual medem o período que têm em mente quando dizem “ao menos durante algum tempo”.